

Repensando o projeto de escola do campo a partir da Pesquisa-Ação¹

Resumo

Inserido no Projeto do Observatório do Campo Modalidade em Rede, vinculado a Universidade Federal de Pelotas - UFPel apoiado pela CAPES/INEP, este artigo pretende apresentar os resultados parciais do projeto de pesquisa que pauta-se na perspectiva teórico metodológico da pesquisa-ação, que vem sendo desenvolvido junto a Escola Municipal Almirante Raphael Brusque – Pelotas/RS, tendo como objetivo central qualificar o nível de letramento de professores e estudantes. Os resultados preliminares apontam para contribuição na melhoria das condições de análise da aprendizagem dos educandos, trazendo nesse movimento de forma incipiente a comunidade para discutir seus problemas no espaço escolar.

Palavras-chave: Pesquisa-ação. Práticas educativas. Educação do campo.

Vanessa Gonçalves Dias
Universidade Federal de Pelotas
vanygd@yahoo.com.br

¹ Agência financiadora: CAPES/INEP

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a caminhada de pesquisa que vem sendo desenvolvida junto a Escola Municipal de Ensino fundamental Almirante Raphael Brusque, tendo como norteador o projeto Observatório da Educação do Campo, de forma a proporcionar o desenvolvimento de pesquisas nas escolas do Campo na região Sul do Rio Grande do Sul, em um trabalho conjunto com as universidades: UFSC e Universidade de Tuiuti, no Paraná, sobre a Realidade das escolas do campo na região Sul do Brasil: diagnóstico e intervenção pedagógica, com ênfase na alfabetização, letramento e formação de professores” (Projeto do Observatório 2010, p. 5).

A metodologia proposta na pesquisa norteia a investigação com base na pesquisa-ação, ou seja, o andamento do trabalho norteia as ações que se desenvolvem na escola e na comunidade, com a finalidade de aprofundar a metodologia definiremos suas características específicas mais adiante na escrita. Dessa forma, pretendemos, em conjunto com a escola, desenvolver as atividades propostas permitindo, ao final dos quatro anos de pesquisa qualificar a prática pedagógica proporcionando aos envolvidos, professores, Universidade, educandos e comunidade avanços qualitativos no processo de letramento e alfabetização da escola e da comunidade.

Como forma de apresentação do processo de investigação-ação optou-se por desenvolver, neste texto, a seguinte proposta: a importância de pesquisa-ação no contexto escolar, contexto de pesquisa, pesquisa-ação e seus achados, ações desenvolvidas e em desenvolvimento e primeiros resultados.

A importância de pesquisa-ação no contexto escolar

Para Mello (2005), a pesquisa-ação² não é simplesmente uma coleta de dados do campo pesquisado para mudar a realidade de um grupo social. Ela é acima de tudo uma nova visão do nosso trabalho, é uma alavanca para pensarmos em qualificar uma nova

² Quando nos referimos ao termo pesquisa-ação estamos entendendo a pesquisa na perspectiva pesquisa da transformação da radical prática, a partir do Materialismo Histórico Dialético.

forma de nos relacionarmos com a mudança, para transpor as dificuldades e transformar esta realidade.

A pesquisa-ação é uma proposta de uma ruptura re-significando a prática social, avançando para que o sujeito assim, como a sociedade possam se reconstruir, modificar, alterar suas condições de vida e de aprendizado, em busca de uma formação qualificada e de uma vida mais digna. Este tipo de pesquisa vai ao alcance de conhecer e agir principalmente nas necessidades básicas da classe trabalhadora, visto que são estas que não tem visibilidade e atenção devida pelas governanças dos distintos âmbitos municipal, estadual e federal.

A pesquisa-ação conforme Brandão (1982) pode ser:

Um conhecimento que, saído das práticas políticas que torna possível e proveitoso o compromisso de grupos populares como grupos de cientistas sociais, por exemplo, seja um instrumento a mais de reforço do poder do povo. Poder que se arma de participação do intelectual, (o cientista, o professor, o estudante, o agente da pastoral, do trabalhador social e de outros profissionais militantes) comprometidos de algum modo com a causa popular. (BRANDÃO 1982.p.10).

Logo esta concepção e opção de pesquisa no espaço escolar nega a visão tradicional e tecnicista baseada numa concepção conservadora de cultura (fixa, estável, herdada) e conhecimento (como informação já processada), a ser repassado pela escola, pelos professores, na forma de conteúdos. Nesta visão tradicional os conteúdos são apresentados como neutros inquestionáveis transmitidos disciplinarmente na lógica da educação bancária. Assim, a pesquisa de acordo com Mello:

A pesquisa traz consigo a possibilidade educativo/pedagógica para a própria formação dos educadores, na medida em que contribui para a reconstrução de nossa identidade como trabalhadores em educação. Assim, coletivamente vamos redescobrimo o prazer da pesquisa, incorporando práticas de reflexão crítica, de curiosidade investigativa incorporando procedimentos e não apenas técnicas para qualificar a atuação no espaço escolar. (MELLO, 200, p. 15)

Neste processo dialético o processo do conhecimento tem como ponto de partida a prática social que é à base da teoria, que por sua vez, deve servir para transformar a

prática. Como toda prática é essencialmente contraditória, nos processos de pesquisa é a reflexão da prática que nos permite descobrir as contradições e orientar novas práticas. De acordo com Jara (2005) “esse processo permite, ir conhecendo as contradições e orientar novas práticas de adquirir capacidade de teorizar, de interpretar a realidade, hierarquizando as contradições e nos apropriando dos conhecimentos teóricos”.

Elencamos assim a partir de Mello (2005), alguns pressupostos que orientam a compreensão de realidade e de sua investigação: 1- A realidade não é estática; está sempre em movimento logo pode ser transformada; 2 – A realidade é construída a partir da apreensão das condições objetivas e das representações sociais dos sujeitos da investigação; 3 – A realidade é contraditória.

Desta forma a compreensão de escola, sociedade, comunidade, currículo como processo, como movimento nos coloca sempre o desafio da re-leitura da realidade socioeconômica e cultural a qual estamos inseridos para, a partir dela e de sua problematização buscarmos o diálogo com o conhecimento sistematizado.

A pesquisa participante ao mesmo tempo em que realiza um trabalho científico, ela é humanizadora, pois, busca em seus meandros compreender causas e conseqüências do objetivo a ser desvelado. Ao mesmo tempo em que tem com o propósito ações e preposições construtivas, se constrói se modifica. O pesquisador não sai de uma pesquisa-participante da mesma forma que entrou ele se relaciona, busca compreender a sociedade que esta convivendo e é na procura dos fenômenos que interferem e por eles sofre interferência, são relações mais flexíveis, dialógicas.

Neste sentido podemos destacar que pesquisa-ação não é aliada ao conservadorismo, esta mais voltada para as camadas mais populares da sociedade capitalista, que não são vistas e nem tem voz de afirmação e que a toda hora são ameaçada pelo poder dominante. A escola faz parte deste sistema e tem como compromisso incentivar o conhecimento verdadeiro, mostrar para seus educandos que o conhecimento real a aquele que constrói entendimentos sólidos para o desvelamento das questões que impedem o avançar de cada comunidade.

Conforme Mello (2005) a pesquisa-ação pode ser considerada:

A pesquisa caracteriza-se como uma prática de investigação que incorpora os grupos excluídos às esferas de decisões, produção e comunicação de conhecimentos, visando contribuir na transformação da realidade com mudanças nas condições de dominação. Seus, objetivos, situam-se em basicamente, três direções: visar á compreensão e transformação da realidade; proporcionar ruptura do monopólio do saber e do conhecimento, capacitando a comunidade para pesquisar e interpretar sua realidade de maneira autônoma; provocar a reconstrução curricular, definindo temáticas significativas para o trabalho pedagógico e afirmando o papel do educador como mediador e problematizador das diferentes concepções-visões de mundo presentes na comunidade. (MELLO, 2005.p.35)

No mesmo sentido que Mello (2005) o autor Thiollent (1986), aponta que a ênfase da pesquisa ação está na resolução dos problemas, na tomada de consciência e na produção do conhecimento.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p.14).

Assim a pesquisa-ação perpassa a simples coleta de dados, o academicismo, porém e bem salientado por Thiollent que não é um mero ativismo, pretende-se com ela aumentar o conhecimento dos sujeitos envolvidos na pesquisa, assim “não se trata de apenas resolver um problema imediato e sim desenvolver a consciência da coletividade nos planos políticos ou culturais a respeito dos problemas que enfrentam”.

A comunidade pesqueira, a escola e sua materialidade objetiva

Nosso horizonte de pesquisa se desenvolve no panorama do campo, tendo em sua especificidade a atividade pesqueira, representada no município de Pelotas pela Colônia Z3. A pesca artesanal é historicamente reconhecida como uma das mais antigas profissões exercidas pela humanidade, ao longo de milhares de anos esta atividade vem passando de geração em geração até os dias atuais.

A localização da colônia é considerada zona rural de Pelotas, território que inclui a comunidade tradicional de pesca e terras que se destinam as atividades agrícolas (pecuária lavoura e principalmente arroz).

Como nos aponta Niederle (2006) de um lado, a paisagem "serrana", de plantios agrícolas diversificados, com relevo elevado e ondulado, que propiciou condições perfeitas para a colonização alemã. De outro, se constituiu uma paisagem de planície, baixa e plana, dominada pela pecuária e orizicultura e de composição étnica variada (onde, mais litoraneamente, se encontra a Colônia Z3). De acordo com Niederle:

“Sua posição à beira da região estuarina da Lagoa dos Patos permite aos pescadores fácil acesso às águas oceânicas. Esta região compreende cerca de 10% (971 Km²) da área total (10.360 Km²) da Lagoa e vai do canal de acesso com o mar, até uma linha imaginária entre o Saco do Rincão e a Ponta da Ilha da Feitoria. A única comunicação com o mar, onde ocorre a passagem de diferentes espécies marinhas, é um canal delimitado pelos molhes da barra de Rio Grande, possuindo apenas 4 km de comprimento e 0,5 a 3 km de largura. A situação hidrográfica de Pelotas, extremamente favorecida pela proximidade com o oceano, Lagoa dos Patos e canal São Gonçalo - que une a Lagoa dos Patos e Lagoa Mirim -, tem reflexos importantes sobre os aspectos físico-climáticos e sócio-econômicos. A Lagoa dos Patos, a maior do Brasil, é o principal local de pesca. De água doce na maior parte do ano, no verão e outono seu nível diminui significativamente permitindo a invasão das águas do Oceano Atlântico. Junto com a água salgada entram os peixes e camarões, que atualmente constituem a principal fonte de renda dos pescadores.” (2006. p. 45).

Desta forma, foi constituindo-se a formação sócio-territorial da Colônia Z3, desde os primeiros sistemas pesqueiros indígenas, (da ocupação do Brasil pelos portugueses até 1730) passando pelo sistema pesqueiro colonial (iniciado com as sesmarias quando de fato ocorre à ocupação massiva do território do Rio Grande do Sul, especialmente pelos açorianos na região referida) e sistema pesqueiro pós-industrial com a desestruturação das parselhas³ portuguesas e inovação tecnológica essencialmente realizada pelos catarinenses) até o sistema pesqueiro atual.

³ Existem pescadores que possuem mais de um bote, neste caso eles possuem uma parselha de pesca. Cada bote é composto por uma tripulação de três a quatro tripulantes, sendo um deles o "patrão" este é quem decide os rumos a serem tomados. Existem pescadores que possuem mais de um bote, neste caso eles possuem uma parselha de pesca. Cada bote é composto por uma tripulação de três a quatro

Na construção da discussão sobre o processo histórico local nos ancoramos em alguns relatos de antigos moradores da Colônia de Pescadores Z3, baseado em entrevistas e pesquisa documental em periódicos e outros documentos que potencializassem uma melhor interpretação das transformações produtivas, culturais, socioeconômicas e políticas na comunidade em questão.

Quanto ainda sobre a evolução histórica da Colônia Figueira (2009) aponta que “foi no ano de 1912 a partir da lei 2.544 que se criaram as colônias de pescadores colocando-as sob a tutela do Ministério da Agricultura.” O principal objetivo era cadastrar pescadores artesanais para uma possível convocação para a guerra. Por terem um vasto conhecimento de regiões litorâneas, os pescadores podiam tornar-se peças fundamentais na aplicação de estratégias de defesa nacional, que eventualmente necessitassem ser aplicadas. De acordo com Figueira (2009), as colônias de pesca tiveram início em todo país no início do século XX por estratégia da Marinha do Brasil em nacionalizar as comunidades pesqueiras e usá-las como pontos estratégicos na defesa do litoral brasileiro.

Deste modo a Colônia de São Pedro, ou Arroio Sujo, como também é conhecida a Colônia de Pescadores Z3 foi fundada no início do século 20, mais precisamente na década de 1920. Alguns moradores mais antigos afirmam que a família “Costa” (família tradicional local) foi a primeira a se estabelecer na região. O estabelecimento de grupos no espaço se deu em quatro fases:

“no início eram poucas pessoas e famílias, vivendo em casas de madeira e palha, oriundas de diversas regiões. Na primeira fase, no início do século XX, os moradores eram do Estado do Rio Grande do Sul, agricultores de cidades como Piratini, Tapes, Viamão e Rio Grande. Já numa segunda fase, à partir da década de 1950, vieram grupos oriundos do Estado de Santa Catarina, de cidades como Laguna, Itajaí, Florianópolis, entre outras. Eram pescadores. A partir da década de 1960 começaram a vir famílias oriundas de uma ilha conhecida como “Ilha da Feitoria”, localizada a uma hora da Colônia. É importante salientar que o local também já foi conhecido com Colônia de Pescadores Z6.” (FIGUEIRA, 2009, p. 82)

tripulantes, sendo um deles o “patrão” este é quem decide os rumos a serem tomados.

Algumas das transformações no trabalho do pescador artesanal deram-se a partir de 1940:

“Observa-se a chegada de pescadores catarinenses para o estuário da Lagoa dos Patos. Estes novos pescadores trouxeram consigo mudanças significativas para a região, como a introdução de embarcações maiores, uso de motor no lugar da vara, do remo ou da vela, redes de espera de maior tamanho, diminuição do tamanho das malhas, entre outros. É nesta mesma fase que se consolida a figura do intermediário-atravessador”.

Segundo entrevistas, num determinado período da história, na primeira das fases de chegada de grupos no local, o peixe era comercializado após ser seco, os barcos não possuíam motores, sendo orientados pelo vento através do uso de velas. Não havia as redes feitas de nylon-seda como atualmente. Os instrumentos para a prática da pesca eram o espinhel e as redes feitas de linho, e posteriormente de algodão, as quais eram banhadas no “óleo de linhaça” para ter mais resistência. De acordo com Figueira (2009), atualmente:

“as práticas laborais do trabalho artesanal na pesca são marcadas por atividades de confecção e remendo de redes, modo de captura de pescados, fabricação de utensílios de pesca, tais como remos, caixas de alimentos (caixa-da-bóia, na Colônia Z3), artesanatos (barquinhos de madeira, usados no estímulo à prática pesqueira de filhos e netos), limpeza de pescados (com precisão para retirar vísceras, peles e escamas), preparação de pratos com frutos da Lagoa dos Patos e construção de barcos com técnicas passadas por diversas gerações (os barcos são construídos nos estaleiros locais)”.

Deste modo a Colônia Z3 está organizada a partir da cadeia produtiva da pesca, a qual é fomentada pela possibilidade de boas safras de pescados e da entrada de cardumes de peixes no estuário da Lagoa dos Patos. Os pescadores estimulam o comércio local, através da compra de equipamentos e produtos para a pesca em estabelecimentos localizados na própria comunidade.

No que diz respeito ainda, as atividades laborais dos pescadores artesanais é importante salientar algumas experiências coletivas de resistência popular por parte desta comunidade. As seguintes experiências de atuação coletiva na preservação dos

recursos pesqueiros: nos Municípios de Rio Grande e Pelotas, num primeiro momento, divididos entre os profissionais pescadores e pescadores artesanais autônomos, se forma um movimento denominado Movimento dos Pescadores da Pesca Artesanal, com grande intervenção da Pastoral da Pesca, no fim dos anos 80 do séc. XX. Segundo Opuszka:

O principal objetivo do referido movimento era discutir e organizar politicamente as demandas da pesca artesanal fixando bandeiras de luta tais como a comercialização do pescado e os problemas com os denominados atravessadores até mesmo o conflito entre a pesca industrial e a artesanal, comércio formal e informal até mesmo os problemas ambientais devido à falta de peixe no estuário da Lagoa dos Patos e Lagoa Mirim (2011, p. 67).

Outro marco de extrema importância para a colônia Z3 é a criação das políticas de pesca bem como sua ampliação com o seguro defeso que permite as famílias uma garantia de renda no período de entressafra, tendo em vista a problemática ambiental e sazonalidade da pesca, pois o período de safra compreende os meses de dezembro a março.

Como forma de superar ou até mesmo fugir do “atravessador” nos anos 1990-2000⁴ deu-se no local a formação de cooperativas e de feiras que eram realizadas na zona urbana, os pescadores tiveram novas alternativas para comercialização do pescado e incremento na renda de suas famílias, a *Cooperativa dos Pescadores Artesanais e Profissionais Lagoa Viva Ltda*, oferecia serviços e propostas de desenvolvimento e que possivelmente proporcionava pequenas mudanças significativas na localidade.

Destacamos aqui alguns dos problemas atuais que assolam a vida dos moradores da Colônia de Pescadores Z3, os altos índices de consumo de drogas, violência doméstica,

⁴ No ano de 1999, os pescadores da região sul do estado ligados a Pastoral da Pesca, se mobilizaram para participar das assembleias do Orçamento Participativo e conquistaram importantes recursos através do governo estadual. Entre os anos de 1999 a 2002, os investimentos do governo do estado atingiram algo em torno de R\$ 7.000.000 (sete milhões de reais), excluindo gastos com pessoal, veículos e custeio. Durante este período, várias comunidades de pescadores passaram a buscar suas próprias alternativas para enfrentamento da crise. Tais ações resultaram em um salto de qualidade na organização dos pescadores, culminando com a criação de várias associações e cooperativas, além do Movimento dos Pescadores Profissionais Artesanais (MPPA).

prostituição infantil, assaltos à mão-armada, roubos diversos, entre outros. Sobre a onda de violência registrada no local.

Entretanto, além dos problemas relativos ao ambiente social, observa-se uma lenta decadência e esquecimento de práticas ligadas à cultura do pescador artesanal: técnicas tradicionais de navegação, técnicas de produção típica de artesanato e culinária, crenças e lendas, outras diversidades. Isto auxilia no êxodo e do abandono da prática pesqueira, por parte dos moradores mais jovens. Segundo jovem entrevistado: *“Eu não quero ser pescador! Não mesmo é muito trabalho olha: têm que acordar cedo, as mãos ficam todas cortadas, às vezes vou com meu pai para ajudar, mas é muito ruim e nem ganha tão bem, depois tem que vender tudo para o atravessador, ficar nas mãos dele é muito ruim. Eu to estudando na escola, mas quero morar no centro fazer futuro bom por lá. Lá na cidade não quero viver enterrado aqui nessa pesca não”*.

Percebe-se que em outros momentos históricos a colônia da Z3 teve uma maior articulação na luta por políticas públicas, por espaços de formação e lazer aos jovens e até mesmo nas campanhas de alfabetização de adultos, porém na atualidade pouco se tem avançado as poucas instituições públicas que atuam na localidade, atuam normalmente de forma fragmentada e sem articulação efetiva com a comunidade pesqueira.

Nesta contenda está à Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Raphael Brusque localiza-se às margens da Lagoa dos Patos, tendo sua fundação no ano de 1928, representa hoje a única possibilidade de escolarização no território descrito. Atualmente com 82 anos, a escola já passou por muitas, reformas e ampliações. No que tange a estrutura física conta atualmente com treze salas de aula, entre elas um laboratório de informática (telecentro) para uso dos alunos e da comunidade em geral, um laboratório de ciências e uma sala de recursos para atendimento de alunos com necessidades especiais.

A biblioteca contém, aproximadamente, 6.386 volumes, entre livros didáticos, enciclopédias, literatura infantil, infanto-juvenil e juvenil, dicionários e grande acervo de revistas, gibis e jornais. Embora a biblioteca tenha um grande acervo de livros um dos

entraves é a falta de bibliotecário, que acompanhe e organize as atividades da biblioteca, atualmente há uma rotatividade de professores da própria escola que mantém em alguns períodos a biblioteca aberta e disponível aos estudantes e a comunidade.

Atualmente a escola que funciona nos períodos matutinos, vespertino e noturno, oferece à comunidade o Ensino Fundamental completo, o EJA e o PEJA e a partir do ano que vem a escola disponibilizará o ensino médio⁵. Com relação à formação dos professores dentre o universo de 43 professores, um possui mestrado e 21 possuem especialização (em sua maioria em pisco pedagogia e gestão escolar), sendo que apenas um não possui nível superior. O quadro de funcionários conta com 21 profissionais, entre serventes, merendeiras, monitores e secretárias e, atende, em média, 448 alunos da rede pública de ensino.

Quanto ao público de estudantes atendidos pela escola, destacamos que se caracteriza, em sua maior parte, o atendimento de famílias predominantemente oriundas das classes populares. Embora atualmente, a escola encontre-se com melhorias no que diz respeito a sua estrutura física, a mesma ainda encontra inúmeras situações-limites⁶, que são os altos números de alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, o que tem gerado um grau significativo de repetência nos últimos anos.

Pesquisa-intervenção: operacionalização, desenvolvimento e dados preliminares.

Nossa proposta de pesquisa identifica suas linhas na pesquisa-ação, assim sendo, no ano 2011, partindo da discussão com o grupo de professores da escola, levantamos por meio de reuniões uma série de problemas que segundo a visão dos mesmos contribuía para o baixo índice de aproveitamento dos educandos. Dentre as problemáticas surgidas

⁵ A conquista do Ensino Médio, na escola é uma luta dos professores de alguns anos. Segundo Jornal Tradição (2013) “A partir de março de 2014, a Colônia de Pescadores Z3 contará com as primeiras quatro turmas de alunos de Ensino Médio. O anúncio foi feito, pelo secretário municipal de Educação, Gilberto Garcias, durante reunião na Câmara Municipal”.

⁶ Segundo Vasconcelos e Brito (2006, p. 179) as situações-limites para Freire são as “barreiras que o ser humano encontra em sua caminhada, diante das quais pode assumir várias atitudes, como se submeter a elas ou, então, vê-las como obstáculos que devem ser vencidos”..

a partir de tal investigação destacaram-se três: o afastamento da comunidade em relação à escola, a violência e a alfabetização e letramento.

A pesquisa exploratória fomentou a criação por parte dos envolvidos diretamente com o Observatório de Educação do campo de três subprojetos de pesquisa que vem desenvolvendo ações junto à escola e a comunidade, tendo eles os seguintes temas norteadores: ***Dificuldades de aprendizagem na alfabetização e letramento, Relação Escola e Comunidade: qualificação do letramento na/da comunidade escolar e Violência” na escola e comunidade: relação com a evasão e reprovação escolar.***

Concomitantemente a dinâmica de construção das propostas de pesquisa o ano de 2011, por necessidades expostas pelo grupo de professores, ampliou-se o trabalho sendo sugerida a análise e estudo sistemático de textos na escola de forma a compreender as necessidades e especificidades da Educação do Campo no contexto escolar da colônia Z3.

A partir desta compreensão nosso trabalho junto à escola prevê, desde o nascimento de sua problemática, o envolvimento dos sujeitos pesquisados, bem como sua constante participação, como sujeitos e autores de construções coletivas, de forma que ao final dos quatro anos previstos para o projeto, bem como paralelamente a este, seja possível a devolução de dados, a discussão e a qualificação dos problemas levantados pela comunidade e pela escola.

Assim, um dos projetos que vem sendo desenvolvido no interior da escola busca compreender quais as **principais dificuldades de letramento e alfabetização dos alunos, a partir da concepção dos professores**. A análise inicial, a partir do que já implementamos da pesquisa, é o que desenvolvemos a seguir, tendo por base o referencial teórico de autores como Soares (2010), Tfouni (1985), e Freire (1979). O exercício que fazemos é na direção de refletir sobre a prática pedagógica e os processos de alfabetização e letramento.

Foram observadas na escola duas turmas de 5º ano, no período de seis meses (2012-2013). Uma das turmas possui 18 alunos e a outra 15, sendo que há somente um aluno repetente em uma das turmas. Nas duas turmas há um total de 33 alunos, dentre

estes há 20 meninos e 13 meninas. Em ambas as turmas só 5 alunos com faixa etária fora da série e idade, 3 alunos com 12 anos e 2 alunos com 14 anos os mesmos são novos na série tiveram repetência nas séries iniciais (1º e 2º série). E entrevistados todos os professores do currículo e dois dos quintos anos.

Os eixos de análise das observações foram: conhecer os materiais didáticos utilizados, Observar a organização e postura do professor/aluno na sala de aula e analisar a relação professor/aluno e desempenho do educando. E as entrevistas tiveram como eixos de análise a formação do professor; as dificuldades encontradas no cotidiano pedagógico, qual sua representação sobre o processo de ensino-aprendizagem.

A grande maioria, dos alunos que fazem parte das turmas, é residente da Colônia Z3, porém, três destes residem em uma granja, Granja Galatéia. A granja Galatéia se diferencia, pois os alunos são filhos de trabalhadores da plantação de arroz. O nível sócio cultural da Colônia Z3 é de sujeitos que vivem em sua maioria da pesca artesanal, com suas especificidades de crenças, valores e costumes oriundos de sua origem pesqueira. Localidade com precárias condições de recursos e opções voltadas ao conforto e qualidade de vida aos que nela habitam.

A formação dos dois professores das referidas turmas é de nível superior, um deles é formado em Pedagogia e o outro em Pedagogia, com Habilitação em Orientação Educacional, Pós-graduação em Gestão e Administração escolar e Supervisão Educacional. Além de atender os 5º anos os professores trabalham com projetos: um com projeto na escola, e o outro em outra escola, como orientador educacional. A jornada de ambos é de 40 horas semanais.

Pelas observações e entrevistas foi possível constatar que a prática na sala de aula, no que se refere à aquisição da leitura e escrita, se reduz a leitura e escrita silenciosa, pois as atividades são trabalhadas oralmente, pelo professor, o que, aparentemente, parece dificultar a compreensão e correção pelos estudantes. Essa prática educativa pode, de acordo a visão de Freire (1979), assemelhar-se ao que o autor denomina de 'educação bancária'.

Narração ou dissertação que se manifesta a partir de um sujeito – o narrador – e objetos pacientes, ouvintes – os educandos. A educação fica assim comprometida, pois, a ênfase da educação limita-se a narrar, sem qualquer reflexão crítica. Assim, o educador se posiciona como sujeito, com a função de “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Estes conteúdos são fragmentos da realidade, distantes da totalidade da qual se originariam e cuja análise viria desacompanhada de significação (p.45).

De modo geral há uma postura não explorada, por parte dos professores, no avanço da criticidade do estudante, somente técnicas que permitem e estimulam à lógica da alfabetização. Não se percebe relação entre a alfabetização e o letramento. O professor, embora de modo ‘involuntário’ e ‘inconsciente’, parece reproduzir cotidianamente esse processo.

Os percalços talvez se deem pela ausência de um aprofundamento teórico sobre o letramento e sobre como conduzir o processo de estabelecimento das relações entre ambos, na prática pedagógica. Ainda, é possível levantar a hipótese, embora de modo inicial, que o próprio nível de letramento dos professores é limitado. O que significa dizer que eles também têm dificuldade na realização de uma leitura mais reflexiva e crítica da realidade.

Ainda, é possível, questionar o processo de formação que os professores tiveram em seus percursos educativos, uma vez que, ambos os professores, cujas aulas foram observadas, possuem graduação. É perceptível a necessidade de formação sistemática dos professores, e com profundidade. Essa formação deveria permitir, aos mesmos, compreender as relações entre a alfabetização e o letramento no processo ensino-aprendizagem.

Os resultados preliminares de nossa investigação indicam que o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido em na sala de aula, apresenta-se como sendo de alfabetização. Isso coloca interrogações sobre o domínio teórico, pelos professores, da relação entre alfabetização e letramento, assim como do seu próprio percurso educativo.

Algumas inquietações se apresentam para a continuidade dessa pesquisa: como ser um professor crítico e, portanto, desenvolver a criticidade, se o processo de formação inicial não foi embasado nessa perspectiva? Como um professor pode avançar na “visão

social de mundo” se, na maioria das vezes, sua visão social de mundo serve para legitimar e justificar ou defender a atual ordem social? Como avançar na lógica dialética, se as instituições formadoras em sua maioria seguem a lógica formal?

Outro fator que inquieta, é o de que no cotidiano da escola, no interior da rotina docente, o fazer pedagógico acaba assumindo um caráter muitas vezes solitário, compartimentalizado, isolado nas especificidades de cada professor. Mesmo com aqueles professores que trabalham nos primeiros anos, a articulação para o trabalho coletivo praticamente não existe. O isolamento acaba dificultando o trabalho coletivo, a socialização e articulação das propostas pedagógicas.

O que observamos até agora, sem desconsiderar a especificidade e particularidades dos estudantes da escola pública e, mais especificamente, da escola Z3, que é uma colônia de pescadores artesanais, indica a importância de uma formação de professores apoiada em uma pedagogia crítica ou, ainda, em uma pedagogia do conflito que, segundo Gadotti (1989), tem como prática da educação a suspeita dialética e o desenvolvimento da criticidade.

Esse parece um dos caminhos e uma possibilidade para o desenvolvimento, ou melhor, para o estabelecimento, pelos professores, nas práticas que desenvolvem, das relações entre alfabetização e letramento, conformando outro jeito de fazer educação, orientado por uma concepção educativa que aponte esse caminho.

O foco de análise do **subprojeto Relação Escola e Comunidade**: qualificação do letramento na/da comunidade escolar situa-se na reflexão sobre as hipóteses levantadas pelos professores em relação à ausência da comunidade no cotidiano escolar. Para coleta de dados, foram realizados através de entrevistas (07) entrevistas moradores da comunidade pesqueira entre eles (dois pais que já estudaram na escola, dois pais que tiveram e têm filhos repetentes, dois moradores antigos – os primeiros a irem morar na colônia de pesca. E por fim, um pai que é extremamente ativo e colaborativo na dinâmica cotidiana da escola).

Além da entrevista com moradores da colônia, foram realizadas duas entrevistas com a equipe da gestão da escola (orientadora pedagógica e coordenação pedagógica).

Foram também realizadas 05 observações livres no espaço escolar tendo como foco de análise a participação das famílias nos processos decisórios e a participação das crianças no processo de construção da aprendizagem.

Ainda foram realizadas cinco observações livres, no espaço de formação dos professores, tendo como eixo de análise a representação que o grupo de professores tem a acerca do distanciamento escola comunidade, a sistematização destes materiais foram feitas em cadernos de campo e posteriormente sistematizadas em forma de relatório, com as categorias levantadas.

Na tentativa de responder a nossa questão inicial de pesquisa - que motivos levam ao distanciamento, ou a diminuição da integração entre comunidade-escola? Apontamos os seguintes eixos, que aparecem de forma preponderante em todos os materiais coletados: 1) *Falta de identidade dos professores com a comunidade que a escola está inserida*, pois a grande maioria dos professores mora na cidade afastados da escola, o que possibilita a fragilidade no conhecimento da realidade e toda a compreensão do cotidiano dos pescadores artesanais e sua lógica de organização comunitária; 2) *A frágil participação da comunidade (famílias e lideranças) na escola*, normalmente os espaços que a comunidade tem para participar na escola são meramente representativos, como conselho escolar, festividades cívicas, conserto da escola.

Consta-se que não há uma participação democrática, embora já tenha havido em gestões anteriores; 3) *A forma organizacional da escola tem prejudicado a qualidade do ensino*, os professores em geral não conseguem fugir a lógica formal/institucional da escola e terminam se “perdendo” em processos burocráticos sem compreender seus estudantes concretos, seus problemas reais, sua vida. Ao priorizar os processos burocráticos, a escola limita os professores a um ensino elementar e desmotivador e não abre perspectivas para uma ação educativa que envolva a experiência a vida dos alunos.

Quanto à pesquisa **Violência na escola e comunidade**: relação com a evasão e reprovação escolar, ainda não é possível afirmar que a violência na escola ou na comunidade possa ser a causa de repetência ou da evasão escolar, mas que este é um fato bastante relevante ficou visível na fala das pessoas da comunidade.

A pesquisa tem apontado a grande distorção entre idade-série nas séries finais e o problema da evasão escolar também se dá entre os alunos destas séries, já que pelo novo sistema de ensino (nove anos) a criança dos primeiros e segundos anos tem avançado, então, não havendo repetência. Não sabemos ainda se a violência pode ser a causa desta elevada proporção de alunos que passam pela multirrepetência, mas este problema pode levar ao desinteresse pelo estudo e conseqüentemente pela escola, que anda pouco atrativa para as crianças desta faixa etária.

Para coleta de dados utilizou-se a análise documental do mapeamento de notas escolares, dos últimos três anos, 2011 a 2013, das séries iniciais, tendo como eixo de análise trazer informações sobre o número de repetências e quais séries e disciplinas que apresentam maior índice. Foram realizadas seis observações livres em salas de aulas, bibliotecas, corredores e pátio, no intuito de verificar como se dão as relações sociais entre alunos e professores. Também houve quatro observações participantes nos espaços de festividade da escola, para se obter elementos sobre como a escola e a comunidade constituem suas relações. Além disso, realizou-se uma entrevista grupal de alunos de uma terceira série e uma entrevista com a orientadora educacional, tendo como propósito apurar as principais causas da violência na escola na visão da coordenação.

Ao longo dos três anos em que o projeto vêm sendo desenvolvido nesta escola, podemos perceber que a violência físicas, sociais e simbólicas não é somente um fenômeno de fora para dentro deste espaço, mas que certamente tais fenômenos respingam na escola. Contudo encontramos no processo do cotidiano pedagógico uma forma não dialógica entre docentes e discentes.

Ninguém se faz sujeito sem por a mão na massa: as ações desenvolvidas junto a escola/comunidade

A partir das problemáticas investigadas e mencionadas acima, desde o ano de 2011 vem se planejando junto à comunidade escolar ações para neste primeiro momento “amenizar” ou problematizar tais entraves de maneira coletiva. Como estratégias de ação

nos anos de 2012 e 2013, foram de consolidar os subprojetos, tanto no âmbito escolar como na comunidade, para que os sujeitos da pesquisa possam contribuir integrando e alicerçando as demandas vindouras na sequência do trabalho, assim possibilitando a participação nas resoluções que se fizerem necessária.

No aspecto das intervenções, as atividades realizadas no período de 2012 - 2013 foram fortemente destacadas pela comunidade e grupo de professores, como as realizações de **oficinas de alfabetização e letramento**. As oficinas foram elaboradas a partir do diagnóstico feito das entrevistas com os professores, elencou-se junto ao grupo temáticas que teriam relevância para auxiliar no processo pedagógico de alfabetização e letramento, como: *Concepções de Alfabetização e letramento; Materiais didáticos no processo da alfabetização; Temas geradores e Paulo Freire; Importância da biblioteca no processo de alfabetização; Troca de experiências com escolas convidadas* (as oficinas são organizadas em dois momentos: discussão teórica e oficina prática).

Os seminários sobre violência desenvolvidos na escola acarretaram a construção dos fóruns de violência, que envolve entidades públicas, pais, jovens e crianças, escola para que de forma permanente se forje alternativas para amenizar os processos de violência local. **A formação com todos os professores da escola**, este é um espaço permanente planejado com os professores, no ano de 2013 o núcleo do Observatório que atua na escola foi convidado para participar do processo de alteração do Projeto Político Pedagógico da escola, a partir destes encontros foi destacado como demanda da escola as seguintes formações: *Projeto de escola do campo, questão do campo e da pesca no Brasil; Gestão e participação; Currículo, planejamento e proposta interdisciplinar; Violência no espaço escolar*. Para estes encontros foram construídos e planejados juntos aos professores materiais didáticos.

Também foram **efetivadas articulações com sindicato dos pescadores, associação de bairro, igreja católica que tem forte papel na comunidade e secretarias do município e do estado**, assim como outras instituições que direta ou indiretamente tem responsabilidade e interesse em minimizar e caminhar para a solução dos problemas destacados no processo de pesquisa-ação, contribuindo com recursos humanos, o que dinamiza e cria redes de possibilidade efetiva para as questões em pauta.

Resultados preliminares

O desenvolvimento das ações frente a uma perspectiva de construção coletiva de trabalho mostra nos resultados expostos pelas ações e pelo diálogo com a escola, uma ampliação de significado do espaço escolar, proporcionando ao grupo de professores o questionamento sobre a prática, levando conseqüentemente a imersão na realidade.

Situação esta antes velada pelos problemas que assolam as escolas do campo e da cidade que dizem respeito às precárias condições de trabalho, como as grandes distâncias entre a escola e a moradia dos professores, poucas condições de continuidade dos estudos, em função de extensas cargas horárias de trabalho e baixos salários, ainda o desconhecimento da necessidade de inserção na realidade.

Nosso trabalho, segundo o grupo e a avaliação, que sistematicamente vem sendo feita em encontros de todo o coletivo do Observatório, vem contribuindo para a melhoria das condições de análise da aprendizagem dos educandos, trazendo nesse movimento a comunidade para discutir seus problemas na escola e buscando junto ao poder público, alternativas que sanem as questões já comentadas no trabalho, de forma a deixar sementes/indicativos concretos que ao final de quatro anos de pesquisa orientem as ações.

Como resultado concreto das primeiras ações, no contexto dos problemas enfrentados pela comunidade destacamos ações de combate à violência, promovidas por entidades públicas, devido a denuncia de moradores, fomentadas em discussões nos fóruns e seminários, que tiveram como centralidade a questão da violência.

Ainda, o planejamento das ações, para o ano de 2014, propõe a continuidade dos trabalhos já destacados e a qualificação teórica dos participantes, de forma a aprofundar os processos de pesquisa-intervenção, de forma a encerrar este processo investigativo e contribuir para a melhoria na qualidade do letramento e alfabetização da comunidade escolar.

Referências:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. 2ª Edição. Editora Brasiliense S.A São Paulo Brasil.1982.

FREIRE, Paulo. **Criando Métodos de Pesquisa Alternativa**: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: Brandão, Carlos Rodrigues. Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ªed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FIGUEIRA, M. C. **COLÔNIA DE PESCADORES Z3, PELOTAS – RS: DA CRISE NA PESCA À EXPANSÃO DO TURISMO COM BASE NO PATRIMÔNIO CULTURAL**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas Pelotas: UFPEL 2009.

MELLO, Marco. **Pesquisa Participante e Educação Popular: Da Intenção ao Gesto**. Editora Isis. Diálogos-Pesquisa e Assessoria em Educação Popular; IPPOA Instituto Popular porto Alegre,2005.

NIEDERLE, P.A.;GRISA,C. **Transformações sócio-produtivas na pesca artesanal do estuário da Lagoa dos Patos, RS**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, v.16, 2006.

OPUSZKA. P. **Cooperativismo Popular**: os limites da organização coletiva do trabalho a partir da experiência da pesca artesanal do extremo sul. Tese doutoral no Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Paraná, 2010.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.